

Design na Cidade: uma abordagem metodológica de apreensão espacial

Design in the City: a methodological approach to spatial apprehension

Bisneta, Adalgiza; Graduanda; Universidade Federal de Pernambuco

adalgiza.cabral@ufpe.br

Gomes, Gustavo; Graduando; Universidade Federal de Pernambuco

gustavo.bezerragomes@ufpe.br

Barbosa, Ana Carolina; Doutora; Universidade Federal de Pernambuco

Anacarolina.barbosa@ufpe.br

Este artigo aborda o papel do designer na cidade e se distingue na apreensão do espaço pela escala humana. O objetivo principal é estudar as ferramentas de design e como elas se adaptam aos projetos para o meio urbano. Com base teórica no design e no urbanismo, é discutida a percepção espacial e como os espaços urbanos afetam o cotidiano dos pedestres. Neste sentido, propõe-se apreender a cidade a partir de um conjunto de ferramentas de análise espacial como etapa inicial do processo de design. Para isso, o estudo metodológico foi testado com a participação de estudantes que residem em diferentes cidades do agreste pernambucano. Após os testes e exercícios de imersão, os estudantes desenvolveram projetos de mobiliários urbanos com base nas análises dos espaços e contextos sociais, resultados de uma evolução progressiva de suas percepções.

Palavras-chave: design; espaços urbanos; metodologia.

This article addresses the role of the designer in the city and distinguishes itself in the apprehension of space by the human scale. It aims to study design tools and how they adapt to urban projects. Based on theoretical design and urbanism, spatial perception and how urban spaces affect the daily lives of pedestrians are discussed. In this sense, it is proposed to apprehend the city from a set of spatial analysis tools as an initial stage of the design process. For this, the methodological study was tested with the participation of students residing in different cities in the northeast region of Brazil. The results of a progressive evolution of their perceptions are noticed as the tests and immersion exercises are concluded, resulting in urban furniture projects based on the analysis of spaces and social contexts.

Keywords: design; urban spaces; methodology.

1 Introdução

Este texto relata as ações do projeto de extensão intitulado *Design na Cidade* que, como o título propõe, busca estudar a imersão do design no meio urbano através da participação ativa dos discentes, em atividades desenvolvidas em disciplinas com ênfase no projeto de produto do Curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco no Centro Acadêmico do Agreste. O projeto de extensão funcionou remotamente devido a pandemia da Covid 19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, e contou com os alunos do curso que residem em diferentes cidades do Agreste Pernambucano.

Em função dessa composição discente regionalizada, o cenário local das pequenas cidades é trabalhado como principal terreno de atuação do projeto de extensão, reforçando as oportunidades de análises da área na interiorização do país. As ações partem da discussão das práticas espaciais cotidianas e têm como traço característico a observação dos mais diversos elementos como componentes da paisagem urbana. A ênfase da abordagem recai sobre o espaço público como projeto para o usuário, isso é viabilizado por meio da apreensão da cidade a partir da escala humana.

Gehl (2015) defende que as escalas maiores e menores devem ser tratadas em conjuntos, no entanto, o recorte tratado aqui é "o fato de a qualidade da escala menor ser determinante para a vida e atratividade de uma área é reforçado pelo cuidado com a paisagem humana" (GEHL, 2015, p. 207).

O entendimento da urbe é multidisciplinar, engloba questões pertencentes aos aspectos mais amplos do desenvolvimento das cidades, como história, lugar, cultura, arte, arquitetura, engenharia e etc. O presente artigo é dedicado aos estudos do design e sua relação com o urbanismo, mais especialmente do contexto de inserção de mobiliários urbanos.

Os mobiliários urbanos constituem o lugar e colaboram com a qualidade funcional e de uso dos espaços. Para tanto, concentra-se no tema da leitura da forma urbana, através das propostas de apreensão do Design na Cidade de Barbosa (2020) que são articuladas com os métodos tradicionais de projeto de produto de Löbach (2001).

Em resumo, nas páginas a seguir é abordada a percepção do design como ferramenta de análise do espaço para intervenção no meio urbano. São articulados procedimentos metodológicos propostos para a análise da cidade e suas aplicações em projetos de mobiliários urbanos desenvolvidos pelos alunos participantes das ações.

2 Design na cidade - Referencial teórico

O conceito do design tem a finalidade de planejar soluções criativas através da observação empática do contexto, visando demandas e oportunidades sociais e econômicas. Esse conceito pode ser potencializado quando associado ao urbanismo, acredita-se que a intersecção entre as áreas é o ponto de partida para o desenvolvimento de produtos eficazes.

Neste ponto, o pensamento sistemático e centrado no humano, em que o design está associado ao planejamento da urbe, pode resultar em espaços públicos mais agradáveis, eficientes e gentis. Este argumento se justifica em oposição aos atuais centros urbanos descritos por Speck (2016) como lugares onde não valem a visita, com sua paisagem antissocial, insegura e desconfortável.

Por isso, adota-se o termo "design na cidade" apoiado por Barbosa (2020), que mapeia ferramentas de apreensão do espaço como parte do processo de design aplicado no espaço urbano. A concepção está relacionada à imersão do design na cidade como forma empática e

criativa de atribuir aos espaços e seus artefatos qualidades relacionadas não só às necessidades produtivas e cotidianas de seu público-alvo, como também às propriedades que remetem a características formais, históricas e culturais de uma cidade.

Com finalidade de esclarecer a percepção das atuações que permeiam as áreas do urbanismo e do design vinculado ao meio urbano, entende-se aqui que as mesmas são disciplinas distintas de áreas correlatas. O desenho urbano é uma matéria que pertence ao Urbanismo, responsável pela relação entre o ambiente livre e o construído das cidades. Já o design no meio urbano, faz parte das disciplinas transdisciplinares do Design e atua diretamente na ideação de soluções centrada nas necessidades humanas vinculadas a cidade.

Barbosa (2020) observa dificuldades na articulação entre a micro e a macro escala nos projetos urbanos, ou seja, entre a cidade e o objeto. Por isso, o autor sugere como ponto referencial de análise o pedestre em suas ações cotidianas:

[...] alicerçado na escala humana, não só do usuário, mas também do pedestre enquanto utiliza a sua cidade. O público-alvo e o seu ambiente de uso transformam-se nas ferramentas primordiais de análise do espaço urbano; assim, do pedestre é considerada sua visão, e da cidade suas paisagens que permitem ser percebidas por tal observador (BARBOSA, 2020, p. 29).

Gehl (2010) enfatiza que a dimensão humana foi negligenciada e esquecida durante décadas para dar prioridade aos veículos, invasores astutos da cidade. A experiência urbana é de fato iniciada com a ação do caminhar, possibilitando vivenciar a cidade e as pessoas. Sobre a ação de caminhar na cidade, Gehl (2010, p. 19) conclui:

Há um contato direto entre as pessoas e a comunidade do entorno, o ar fresco, o estar ao ar livre, os prazeres gratuitos da vida, experiências e informação. Em essência, caminhar é uma forma especial de comunhão entre pessoas que compartilham o espaço público como uma plataforma e estrutura.

O indivíduo, enquanto observador, discorre no espaço urbano exercendo ações sob influência do meio e vice-versa. O pedestre tem interferência sobre o ambiente assim como a cidade pré-determina ações devido à distribuição espacial dos elementos urbanos. Gehl (2010) defende que a experiência das pessoas no espaço urbano está atrelada ao quanto agradável o meio pode ser, estabelecendo uma relação proporcional.

O fator da escala humana, partindo do ponto referencial, é determinante nos estudos subsequentes da atuação nos aspectos externos, “O homem como indivíduo é um ser que atua e que através de sua atuação exerce uma ativa influência em seu meio ambiente e o modifica” (LÖBACH, 2001, p. 24). Não se abstendo de fatores inconscientes e emocionais que influenciam demasia na percepção massiva do entorno.

Seguindo o entendimento exposto acima, o público-alvo em questão são os habitantes ou visitantes que utilizam as cidades, comprehende-se que eles possuem dimensões, velocidades e percepções diferentes quando estão nas condições de motoristas, passageiros, ciclistas ou pedestres. Esta perspectiva também se apoia nos argumentos de Speck (2016) sobre a caminhabilidade e seu poder de atrair pedestre ao uso sustentável e saudável da cidade.

Segundo Speck (2016), fatores como fluxo de transporte, comércio, equipamentos de lazer, culturais, utilidade, segurança e conforto são considerados quando se caminha à deriva na cidade. Os benefícios de uma caminhabilidade adequada são incontáveis, não só para a cidade, mas também para quem a pratica, pois contribuem para a vitalidade urbana. Logo, os pedestres devem se sentir convidados para caminhar em suas cidades.

Partindo deste princípio, são estudados os conceitos de análise espacial e a relação entre a composição configuracional do ambiente urbano e o pedestre, este último tratado aqui como observador treinado, em movimento. Além disso, a fim de um estudo mais detalhado, a cidade foi analisada buscando respostas referentes às características sensoriais, tendo como elementos de apoio os mobiliários e a disposição deles.

O termo mobiliário urbano foi adotado para identificar os artefatos dispostos na paisagem urbana, ou melhor, para "nos referir àquela área correspondente à parte do desenho urbano das cidades, e que interage com seus usuários e com o contexto sociocultural e ambiental" (BARBOSA, 2020, p. 36). Tratam-se dos elementos dispostos na cidade, especialmente ao longo do passeio, com intuito de promover a qualidade de vida dos cidadãos. Mourthé (1998) indica que a constituição de uma família de mobiliário urbano é fundamentada em um princípio de coerência formal, que envolve a concepção de cada parte a partir de conceitos comuns que caracterizam todas elas como um conjunto.

Segundo Lynch (1982), a personalização do espaço pode contribuir para a legibilidade do lugar, ou seja, o conjunto de elementos influencia na formação da identidade da cidade ou de parte dela. Entende-se por legibilidade tudo aquilo que pode ser lido e compreendido. Para que uma cidade possa ser legível é necessário que seus espaços sejam interpretados e reconhecidos. A identidade da cidade é normalmente descrita através da imagem que os indivíduos têm deste lugar, dos hábitos da população e das suas representações sociais.

Compreender a cidade e a funcionalidade do meio urbano envolve um estudo de observação detalhado. Como guia destas ações de extensão, é utilizada a metodologia proposta por Barbosa (2020, p. 45) que elabora "[...] um conjunto de ferramentas que resulta em uma proposta de análise visual da cidade a partir de uma escala que inclui o mobiliário como parte integrante da paisagem urbana.”.

De acordo com Lynch (1982), a imagem é um fragmento da percepção espacial da cidade. Assim como a paisagem para Cullen (1983) é o conjunto dos elementos físicos inseridos na cidade. Proposta pelo grupo Internacional Situacionistas no livro “A sociedade do espetáculo”, publicada pelo líder do grupo, Guy Debord (1967), a vivência estabelecida na percepção do entorno urbano pelo observador é a situação a qual está relacionada a imagem e ou paisagem.

3 O estudo metodológico

Para viabilizar as ações extensionistas, o percurso do estudo se debruçou nas intenções pedagógicas com o intuito de contrapor a análise espacial e as questões relacionais do urbanismo com os métodos tradicionais de design. Neste sentido, o ato de observar e criar é visto como um processo dinâmico de construção de situações e não de resolução de problemas. Um procedimento que é composto de diversos subprocessos capazes de agir como um objeto de pesquisa, testando soluções, conceitos e processos empáticos.

Sendo assim, para apresentar o processo de design abordado aqui, foi utilizada a metodologia de desenvolvimento de produto proposta por Löbach (2001). A seguir, os argumentos apresentados no início deste capítulo sobre o Design na Cidade são desdobrados nas ferramentas propostas por Barbosa (2020), alinhadas às quatro fases descritas por Löbach (2001): Preparação, Geração, Avaliação e Realização.

Quadro 1 - Etapas de um projeto de design (Löbach, 2001).

| Processo Criativo | Processo de solução do problema | Processo de design |
|-----------------------|---|---|
| 1. Fase de preparação | <ul style="list-style-type: none"> ● Análise do problema Conhecimento do problema; Coleta de informações; Análise das informações; Definição do problema, clarificação do problema e definição de objetivos. | <ul style="list-style-type: none"> ● Análise do problema de design Análise da necessidade; Análise da relação social; Análise da relação com ambiente; Desenvolvimento histórico; Análise do mercado; Análise da função; Etc. |
| 2. Fase da geração | <ul style="list-style-type: none"> ● Alternativas do problema Escolha dos métodos de solucionar problemas; Produção de ideias; Geração de alternativas. | <ul style="list-style-type: none"> ● Alternativas de design Conceitos do design; Alternativas de solução; Esboços de ideias; Modelos. |
| 3. Fase de avaliação | <ul style="list-style-type: none"> ● Avaliação das alternativas do problema Exame das alternativas; Processo de seleção; Processo de avaliação. | <ul style="list-style-type: none"> ● Avaliação das alternativas de design Escolha de melhor solução; Incorporação das características ao novo produto. |
| 4. Fase de realização | <ul style="list-style-type: none"> ● Realização da solução do problema Realização da solução do problema; Nova avaliação da solução. | <ul style="list-style-type: none"> ● Solução de design Projeto mecânico; Projeto estrutural; Configuração dos detalhes; Desenvolvimento de modelos; Desenhos técnicos; Desenhos de representação; Documentação do projeto; Relatórios. |

Fonte: Löbach (2001, p. 142) (adaptada).

Quadro 2 - Etapas de projeto de design com ênfase no meio urbano com base nas ferramentas

adaptadas por Barbosa (2020).

| Processo criativo | Processo de solução | Processo de design |
|-----------------------|--|---|
| 1. Fase de preparação | <ul style="list-style-type: none"> ● Contextualização do problema Imersão no contexto do problema através da "visão serial" de Cullen e da "deriva" do Grupo Internacional Situacionistas; Definição do problema, requisitos do problema. | <ul style="list-style-type: none"> ● Análise espacial Análise de paisagem urbana; Temporalidade; Orientação da forma; Aspectos socioculturais; mapa da empatia. |
| 2. Fase de geração | <ul style="list-style-type: none"> ● Geração de alternativas do problema Definição do direcionamento da solução considerando o contexto empático mapeado; Produção de ideias base nos dados levantados; Geração de alternativas. | <ul style="list-style-type: none"> ● Ideação Técnicas de criatividade como moodboards de estudo dos habitantes e visitantes do espaço e análise de similares; esboços e painéis criativos. |
| 3. Fase de avaliação | <ul style="list-style-type: none"> ● Avaliação das alternativas Seleção da alternativa; Análise da alternativa; Avaliação da alternativa. | <ul style="list-style-type: none"> ● Evolução da forma Seleção da solução; Refinamento da alternativa; implemento de novas características; modelos físicos de avaliação funcional, inclusive para teste de implantação no espaço. |
| 4. Fase de realização | <ul style="list-style-type: none"> ● Materialização da alternativa Aperfeiçoamento da alternativa; Detalhamentos e especificações técnicas; Prototipagem. | <ul style="list-style-type: none"> ● Detalhamento Desenhos técnicos; implementação de sistemas; especificação de materiais; cor e acabamento; processos de fabricação; protótipos. |

Fonte: Os autores.

O quadro 2 demonstra o caminho estruturado pelos estudos e ações do projeto de extensão que este artigo trata. Destaca-se pelo viés urbano como ênfase, abordando o processo de design de maneira mais contextual, espacial, menos isolada. Com fins de avaliar a pertinência do procedimento para o objeto de estudo proposto, apresentam-se a seguir alguns dos resultados obtidos para cada etapa descrita.

Como posto inicialmente, os alunos aplicaram os estudos metodológicos remotamente, em suas cidades. Para iniciar a contextualização do problema, partiu-se das vivências pessoais e

memórias que os identificam como habitantes de seus territórios. O fato de questionar “qual é o coração de sua cidade?” levantou relatos de memórias coletivas, reflexões de como o espaço é agradável ou como poderia ser mais bem aproveitado, e, discussões sobre os aspectos tangíveis e intangíveis da cidade. O exercício de percepção da forma urbana e seu uso democrático trouxe para o debate a formação das cidades.

Os discentes apresentaram os lugares que fazem parte de sua rotina, entre os quais foram mencionados praças, feiras livres, ruas, locais turísticos e contemplativos. Foram levados em conta aspectos importantes para a cidade, como formação cultural e construção histórica de cada centro urbano. De acordo com o conhecimento de cada um, os alunos propuseram o que poderia ser modificado em cada local, ainda pela perspectiva do habitante, a fim de intensificar o aproveitamento do espaço público pela população e pelos mesmos.

Figura 1 - Imagem da Praça Nossa Senhora do Perpetuo do Socorro - Lajedo, PE



Fonte: Rafaela Feliciano (2021).

A imagem acima demonstra o exemplo de relato da aluna Rafaela sobre sua relação afetiva com a cidade, segundo ela:

[...] Pra mim, esta praça é o coração da cidade porque, atualmente, a cidade inteira fica nessa praça, pois tem bares, sorveterias, lanchonetes [...] O coração da cidade, pessoalmente, é o espetinho “Kinho do espetinho” que surgiu há pouco tempo, onde sempre vou com meus amigos e é lá onde a gente come, bebe [...] Antes era só uma pequena barraca, mas agora o Kinho colocou um trailer na praça, onde faz os espetinhos. [...] É onde sempre estou com meus amigos, todo fim de semana, todo sábado, é aí.

As experiências compartilhadas serviram como pontapé inicial para a fase de preparação e guiaram os alunos na escolha de um espaço de sua cidade para realizar as demais etapas metodológicas. Os debates em sala de aula despertaram para a construção do conhecimento a respeito da importância do uso saudável das cidades.

A orientação se centra sempre em "aumentar a quantidade e a qualidade dos espaços públicos agradáveis, bem planejados e, na escala do homem" (ROGERS apud GEHL, 2015, prólogo). Os alunos atentos para a percepção espacial despertaram um novo olhar, um “olhar treinado”.

A partir das reflexões sobre as relações com as cidades em que vivem, e com os espaços definidos, os alunos, agora como observadores treinados in loco, foram às ruas como propõe a visão serial de Cullen (1983) e a deriva do Grupo Internacional Situacionista (JAQUES, 2003) para a realização da análise espacial detalhada a seguir.

3.1 Análise Espacial

Esta abordagem, inserida na fase de preparação se concentra preferencialmente no tema da leitura da forma urbana. Propõe a adoção de um conjunto de ferramentas que resulta em uma proposta de análise da cidade a partir da escala humana que, com isso, inclui o mobiliário como parte integrante da paisagem urbana. A análise proposta considera o observador como um sujeito que vivencia a cidade e, por isso, o ponto de vista do pedestre em movimento é adotado como referencial espacial.

Nem sempre um espaço visualmente bonito contribui para a caminhabilidade. Logo, deve-se realizar uma análise sincera do espaço que está sendo estudado. Speck (2016) questiona o propósito de certos espaços urbanos e suas influências no processo da caminhabilidade, enquanto discute este fator:

Muito dinheiro e esforços foram usados para improvisar calçadas, faixas de travessia, iluminação pública e latas de lixo, mas qual a importância disso tudo, principalmente, no aspecto de convencer as pessoas a caminhar? Se a questão do caminhar se resumisse apenas em criar zonas seguras para os pedestres, então por que mais de 150 ruas principais transformadas em áreas para pedestres nas décadas de 1960 e 70, fracassaram quase imediatamente? Com certeza, há mais coisas para encorajar as caminhadas do que apenas criar espaços bonitos e seguros (SPECK, 2016).

Então, com base nas intenções do conceito de caminhabilidade de Speck, buscou-se o estudo das qualidades reconhecíveis da paisagem urbana a partir da experiência do caminhante. Para isso, Barbosa (2020) se apoia no seguinte pensamento teórico:

[...] os princípios básicos alicerçados no estudo da forma da cidade, desenvolvidos por Lynch, são os pontos imagísticos que devem ser associados a conceitos como legibilidade e visualidade para permitirem o entendimento da imagem urbana. Cullen considera o dinamismo visual como uma categoria presente nos espaços urbanos, associando-os ao movimento de quem dele se utiliza. Os conceitos propostos pelo pensamento situacionista também nortearam os referenciais teóricos da pesquisa, tais como: a psicografia e a deriva; a clara mudança de escala e área de atuação, a fim de se alcançar a transformação da vida cotidiana (BARBOSA, 2020, p. 15).

O conjunto de ferramentas proposto pela autora, apesar dos diferentes focos analíticos: imagem, paisagem e situações; possui semelhanças internas que fortalecem a importância da mudança de escala na análise do espaço urbano. Todas as ferramentas estudadas almejam a apropriação do espaço, mas, com o intuito de obter uma soma de ferramentas, Barbosa (2020) realiza uma composição ou síntese dos métodos analisados.

O resultado é a fusão das técnicas de apreensão do meio propostas pela Visão Serial de Cullen e pelo andar à deriva dos Situacionistas: explorar a cidade através do andar e do registro da visão sequenciada das passagens rápidas por ambientes diversos.

Como parte integrante desta etapa analítica, abordou-se ainda os mobiliários urbanos, a orientação da forma, a análise da temporalidade, as funções vernaculares dos espaços e suas características sociais.

3.1.1 Mobiliários Urbanos

Os mobiliários urbanos são analisados como integrantes da paisagem urbana, como resultado da observação no espaço. Para a ocasião, as paisagens formadas pelo percurso foram fotografadas como ferramenta de registro e nelas, através de material de desenho, foram analisados os impactos dos mobiliários urbanos nas paisagens construídas durante os trajetos.

De acordo com a discente Débora: “todas as praças de Tupanatinga têm problemas, mas a que mais se destaca é a praça central, é o ponto de referência da cidade”. A praça fica no centro comercial, funciona como pátio da Igreja da cidade e recebe apoio de algumas instituições financeiras como bancos e lotéricas. Ela pontuou o hiper dimensionamento das torres de iluminação, com luminância direcionada mais para os carros e menos para as calçadas. Ela observou também questões sobre o paisagismo urbano, como a ausência de vegetação, golas de árvores e sombras. Ainda se percebeu a desordem da fiação exposta e desconforto pelo não planejamento de mobiliário de descanso.

Figura 2 – Fotografia e desenho da Praça Central - Tupanatinga, PE.



Fonte: Débora de Lima (2021).

3.1.2 Temporalidade

Segundo Barbosa (2020), a temporalidade é uma modalidade de análise do espaço urbano proposto por Guedes (2005) e que busca encontrar a variância temporal ao longo do processo da observação, tendo como finalidade estudar as mudanças na configuração do espaço provocadas pelos efeitos temporais, incluindo os eventos públicos. O estudo demonstra que o observador, realizando suas análises em intervalos diferentes, não precisa se deslocar para obter diferentes configurações de um mesmo espaço.

Neste caso em específico, foram utilizados períodos curtos e médios de intervalo que, segundo Guedes (2005), são variações temporais observadas em até 24 horas e em mais de uma semana, respectivamente.

No exemplo abaixo, a discente observou que a praça possui três momentos diferentes de uso: 1) a circulação normal que acontece durante a semana, onde a praça é mais utilizada como um percurso; 2) nos finais de semana tem um caráter de lazer e esportivo, onde se instala uma feira de artesanato e o público anda de bicicleta, caminha, joga bola, etc.; 3) durante certos períodos do ano o lugar acolhe festeiros populares de forte referência cultural para a cidade.

Figura 3 – Fotografias da Praça José Costa Azevedo - Tracunhaém, PE



Fonte: Isabella Regina

(2021).

Percebe-se que a pandemia do Covid 19, tornou-se uma das condições adversas que também faz parte da temporalidade atualmente, algumas medidas preventivas afetaram diretamente o funcionamento de alguns espaços, reduzindo ou anulando por completo sua utilização.

3.1.3 Orientação da forma

De acordo com Barbosa (2020), a orientação da forma busca o sentido para onde essa se orienta e é um processo importante para identificar uma nova forma a ser acrescentada no meio ambiente. Por fim, essa análise de orientação formal possui o objetivo de enfatizar a importância do equilíbrio relacional entre todas as direções formais das configurações existentes no meio.

A discente colaboradora destacou vários mobiliários diferentes em sua análise. Pode-se perceber pelas imagens (Figura 4) que a orientação formal do ambiente é horizontal, pois os únicos elementos verticais presentes são as torres de iluminação que atingem a altura das construções.

Figura 4 - Praça da prefeitura - Camocim de São Félix, PE



Fonte: Allany Assis (2021).

3.1.4 Funções e características sociais

Nessa fase, busca-se entender melhor os propósitos da utilização dos espaços, ou seja, tanto os usos que foram projetados inicialmente quanto os que foram atribuídos de forma vernacular.

Neste exemplo, situado em Caruaru, os discentes comentam que a função principal da praça é a socialização, uma vez que lá existem vários bancos e mesas de cimento. Mas as pessoas que cruzam o espaço não o utilizam com esta finalidade. Um dos maiores problemas presentes no entorno da praça é a falta de calçada intensificado pelo fato de que as rampas de garagem utilizam as áreas reservadas para isso. Outras funções observadas são: o uso do espaço para festeiros populares no período junino e depósito de lixo no meio da praça.

Figura 5 – Praça Bairro Cidade Alta – Caruaru, PE



Fonte: Hannah Mochel e Maria Letícia (2021).

Durante as análises, as alunas perceberam o potencial de função contemplativa da praça que tem densa vegetação e vista para uma parte arborizada. No entanto, foi percebida como um lugar carente de manutenção, infraestrutura e iluminação pública, o que leva ao mal uso, a ser um lugar deserto e perigoso, principalmente à noite.

3.1.5 Empatia

Num segundo momento do estudo houve a análise da empatia, com o intuito de questionar os problemas com a abrangência ampla. Tim Brown (2010) define empatia como o processo mental de imersão na vida de outras pessoas, o ensaio de ver o mundo pelo olhar do outro, para entender os comportamentos por vezes inexplicáveis que estão relacionados com o modo de lidar com o mundo à sua volta. Essa etapa está relacionada à geração de ideias pertinentes com intuito de solucionar os problemas identificados através da avaliação histórica e a escuta das necessidades presentes na paisagem. A partir da escuta é definido o problema e identificado as causas básicas para o mesmo existir.

Ainda para o mesmo autor:

A empatia é o hábito mental que nos leva a pensar nas pessoas como pessoas, e não como ratos de laboratórios ou desvios-padrões. Se formos ‘tomar emprestada’ a vida dos outros para inspirar novas ideias, precisamos começar reconhecendo que seus comportamentos aparentemente inexplicáveis representam diferentes estratégias para lidar com o mundo confuso, complexo e contraditório no qual as pessoas vivem (BROWN, 2010, p. 47).

Entende-se que uma pessoa que tenha empatia consegue sentir a dor da outra pessoa, buscando se colocar no lugar dela, esta condição trouxe o conceito para discussões relativas à inclusão e movimentos sociais. Vale posicionar que a proposta de uso do termo aqui se apoia nos conceitos do design centrado no ser humano e acredita no desenvolvimento de ideias para a cidade que tenham um significado emocional alinhado ao funcional, capaz de evocar o sentimento de pertencimento.

Na prática, os alunos foram estimulados a experienciar a cidade ouvindo os habitantes em contextos físicos diferentes, além de caminhar ou pedalar, tais como: usando vendas nos olhos, conduzindo carrinhos de bebê e de compras, cadeira de rodas, etc. A partir disso, foram apresentados os problemas identificados nas análises anteriores, no formato de mapas mentais.

No exemplo que segue esta etapa, a discente Laís aponta uma problemática da Praça Nossa Senhora do Rosário, em Jaboatão dos Guararapes: a falta de mobiliários de descanso. O lugar fica num centro comercial, é grande e dividido em vários setores funcionais como área de parques, alimentação e onde se formam as filas de acesso à uma lotérica. Diante deste cenário, ela montou o mapa abaixo e escolheu a problemática projetual de buscar soluções para mobiliários de descanso.

Figura 6 - Mapa mental do problema relativo à Praça Nossa Senhora do Rosário - Jaboatão dos Guararapes, PE.



Fonte: Laís Vitória (2021).

A praça é um local muito usado para passeios, conversas e descanso, não faz sentido não ter bancos. [...] Tudo que tem na praça ao meu ver deve ser mantido, no caso a paginação, a iluminação, as árvores, a forma como funciona. [...] Durante o dia, é frequentada por idosos, entre 40-50 anos, e é usada mais para descanso. Durante a noite, já muda um pouco o público, é utilizada por jovens para ensaios artísticos, exposições, danças, eventos, esportes, etc.

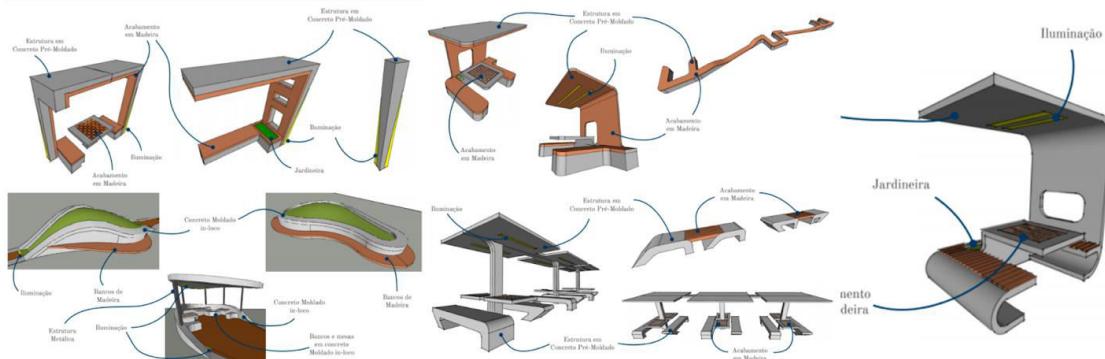
3.2 Ideação e evolução da forma

A ideação é quando, de fato, ocorre o processo criativo. Ela conta com a elaboração de painéis semânticos direcionados ao público alvo, aspectos culturais, idade, gênero; análise sincrônica; e *moodboards* criativos que sintetizam os materiais, as formas e a cor. Os painéis semânticos como recurso criativo é proposto por Baxter (1998).

Na etapa anterior, os questionamentos dos problemas induzem a reflexão das causas básicas, o que estimula a geração de alternativas, uma vez que os requisitos de projeto são descritos. Os esboços são então criados e suas propostas evoluídas e combinadas até se configurarem em alternativas. Ainda neste estágio é realizada a avaliação dessas opções com base nos requisitos estabelecidos, no intuito de selecionar as propostas que mais atendem ao projeto.

Logo, para suprir a necessidade de uma praça onde transitam muitas pessoas com diversas atividades os alunos se dedicaram ao projeto de espaços, a partir dos mobiliários, que proporcionam interação e repouso para as pessoas que permeiam a praça. O objetivo principal foi o de promover encontros.

Figura 7 - Área de convivência e jogos para a Praça José Martins - Caruaru, PE



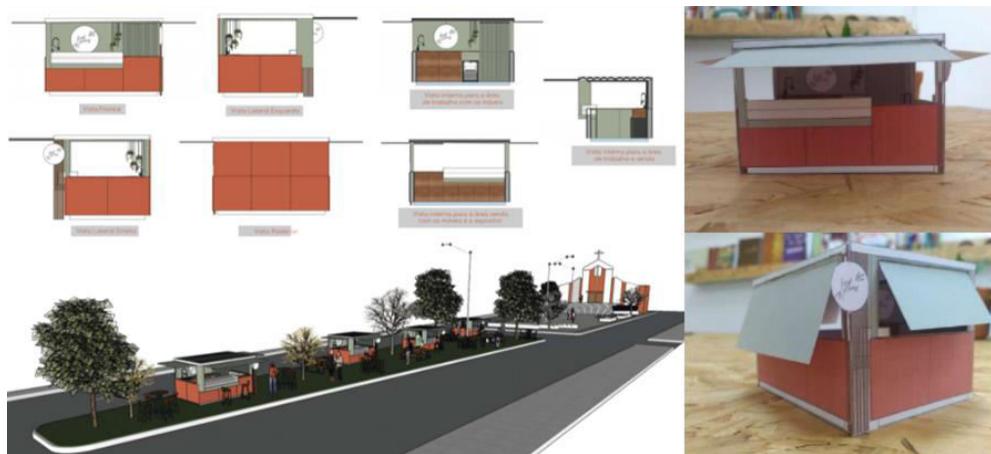
Fonte: Anne, Morgana e Leila (2021).

3.3 Detalhamento

O último passo, como diz Löbach (2001), é a materialização da alternativa escolhida. Isso significa dizer que a estrutura é determinada com dados e especificações dos sistemas funcionais, dimensões, materiais e processos de fabricação. Os testes através de modelagem física e virtual ratificam a solução. Por fim, é gerada uma documentação que permite que o projeto seja colocado em linha de produção, trata-se do memorial descritivo.

Para a ocasião da temática deste artigo, apresentam-se duas soluções finais. A primeira trata-se de um quiosque de alimentação que tem como proposta atender as demandas de usos observadas durante a análise espacial. A segunda solução concebida ao longo do trabalho descrito parte de uma família de mobiliários urbanos de bancos para uma praça pública obsoleta do município de Riacho das Almas, PE, próxima a escolas e inclui um abrigo para parada de ônibus. Os estudos são detalhados através de modelagem física e virtual, vistas e sistemas de uso, e, a simulação de implantação do artefato no meio urbano estudado.

Figura 8 - Quiosque projetado para a Praça Nossa Senhora da Assunção - Caruaru, PE



Fonte:

Allysson e Luana (2021).

Figura 9 - Modelos de bancos para uma praça em Riacho das Almas, PE



Fonte: Hércules (2021).

Figura 10 - Bancos Acomodar, projetados para uma praça em Riacho das Almas, PE



Fonte: Hércules (2021).

4 Considerações finais

A qualidade da paisagem urbana é percebida, entre outras coisas, pelo design do mobiliário urbano, por sua interatividade não só com o usuário, mas também pela influência exercida no ambiente que o envolve. Tal paisagem tem como ponto de partida o estudo morfológico dos elementos que, com o decorrer do tempo e articulados entre si e com o todo, compõem a forma urbana. Trata-se da relação entre a forma da cidade e a forma do produto urbano.

Em suma, os resultados encontrados foram os projetos de mobiliários urbanos, frutos das ferramentas estudadas. O processo de design se destaca na fase de preparação, quando a experimentação da cidade treinou a percepção visual dos observadores, proporcionando-os o conhecimento dos problemas e seu entorno. O exercício didático desenvolvido permitiu ressaltar conceitos que englobam parâmetros como: a análise visual da paisagem e dos mobiliários urbanos existentes, a orientação da forma e a temporalidade. Todos os subsídios de projeto citados aproximam de maneira mais sistemática a forma urbana do local de intervenção da forma do produto a ser projetada para o espaço.

As ações trabalhadas nos estudos de caso deste trabalho pretendiam contribuir para a configuração e o reordenamento de novos espaços através não só de mobiliários urbanos, mas de todo contexto problemático encontrado durante as análises e sintetizadas no mapa da empatia. Neste sentido, a articulação de métodos e disciplinas permitiu indicar parâmetros mais direcionados à orientação do design de produtos urbanos e com isso facilitar a compreensão de um diálogo estabelecido entre uma linguagem que utiliza formas, todas interdependentes e os demais fatores envolvidos no contexto.

As ferramentas exploradas expandiram-se para atividades práticas nos respectivos espaços escolhidos e os alunos passaram a interpretar suas cidades, no interior de Pernambuco, como protagonistas e repletos de oportunidades de análise. Dessa forma, incentiva-se um olhar mais íntimo e crítico dos alunos em relação aos lugares que habitam. Assim, pode-se alargar o pensamento da interiorização das instituições de ensino superior também para o âmbito da pesquisa e extensão.

O design e sua interdisciplinaridade podem atingir fronteiras inexploradas e proporcionar bons atrativos e experiências, na cidade podemos incluir também os encontros, através da caminhabilidade. Com a imersão nesses aspectos, os objetivos de gerar reflexões aprofundadas foram contemplados e transportados para as análises e propostas de projeto.

Durante os exercícios, a percepção dos alunos diante de suas cidades mudou, eles apreenderam espaços urbanos com mobiliários desconexos e se remeteram a referências espaciais inspiradas em contextos urbanos diferentes. O interesse pela experiência agradável foi despertado entendendo que, para isso, as funções dos espaços e suas características sociais devem ser consideradas. Segundo Barbosa:

A compreensão da forma de uma cidade depende do conhecimento da história daquela sociedade, não se trata apenas da análise do lugar, como também do seu povo e como eles sobrevivem e sobrevivem. A história se relaciona com o espaço através da forma, que é mutável, a partir das mudanças ocorridas no transcorrer do tempo (BARBOSA, 2020, p. 147).

O direito de usar a cidade também foi amplamente discutido, incluindo no processo de análise espacial da noção projetual de acessibilidade. No urbanismo, este termo significa proporcionar aos cidadãos a possibilidade e condição de uso do espaço público com "segurança e autonomia", incluindo os mobiliários urbanos, as vias de circulação e os transportes coletivos.

Esse parâmetro está intimamente ligado ao da caminhabilidade de Speck (2016), uma vez que esses conceitos, no ambiente urbano, não significam apenas permitir que pessoas com mobilidade reduzida exerçam suas atividades, mas tornar fácil o uso da cidade para seus cidadãos, permitindo maior espaço de circulação e, com isso, diminuindo o número de obstáculos nas calçadas.

5 Referências

BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade. **Imagen, paisagem e situação: uma apreensão do design na cidade.** 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

BAXTER, Mike. **Projeto de Produto.** São Paulo: Blucher, 1998.

BROWN, Tim. **Design Thinking: uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias.** Rio de Janeiro. Elsevier, 2010.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Lisboa. Edições 70, 1983.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas.** 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GUEDES, João Batista. **Design no Urbano. Metodologia de análise visual de equipamentos no meio urbano.** Tese de Doutorado. Recife, novembro de 2005.

JAQUES, Paola Berenstein. **Internacional Situacionista: Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial: Bases para a configuração dos produtos industriais.** 1 ed. São Paulo: Blucher, 2001.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MOURTHÉ, Claudia Rocha. **Mobiliário Urbano.** Rio de Janeiro. 2AB. 1998.

SPECK, Jeff. **Cidades Caminháveis.** 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.